

APRESENTAÇÃO DOS GTS E DOS COORDENADORES - GT-10
(PRESENCIAL): POÉTICAS AFRICANAS CONTEMPORÂNEAS E
NARRATIVAS DAS DIÁSPORAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

**UMA ANÁLISE DIALÓGICA DO CONTO “A ESCRAVA”: PERSPECTIVAS
AFRO-DISPÓRICAS A PARTIR DA VOZ DE JOANA.**

Laiza Luz Martins Sant'ana (laizapap@gmail.com)

Este trabalho discute como o conto “A escrava” (1887), de Maria Firmina dos Reis, pode ser lido a partir das dinâmicas do movimento diaspórico do povo negro, articulando reflexões de Mikhail Bakhtin (2003), Édouard Glissant (2005, 2011), Paul Gilroy (2001) e Stuart Hall (2006, 2003). Embora produzido no século XIX, o texto antecipa debates centrais da crítica afrodiaspórica contemporânea ao construir a subjetividade de uma mulher escravizada que narra sua própria história. A voz de Joana rompe com o silêncio imposto à população negra escravizada e instaura um espaço dialógico que, conforme Bakhtin (2003), tensiona discursos que emergem em meio as forças centrífugas. A “palavra alheia” da elite branca aparece apenas para ser criticada, ativando um processo de responsividade ética que desloca a narrativa para o campo da contestação, denuncia social e da resistência. A trajetória de Joana também evidencia o que Édouard Glissant (2011) denomina “memória ferida”: a maternidade ferida, a perda irreparável de vínculos familiares, culturais e territoriais que marca a experiência da diáspora africana. A separação da mãe, o apagamento da genealogia e a impossibilidade de restituição de uma origem plena inscrevem o conto na poética da relação, em que a identidade surge marcada pela ruptura e pela necessidade de

reelaboração de si. Do ponto de vista histórico-discursivo, o texto de Firmina dialoga com o campo teórico do Atlântico Negro proposto por Paul Gilroy (2001), ao expor a mercantilização do corpo negro, a violência estrutural da escravidão e a constituição de uma subjetividade forjada no sofrimento e na resistência. Assim, o conto funciona como testemunho literário de uma modernidade racializada que atravessa todo o sistema atlântico. No plano identitário, a narrativa abolicionista se aproxima das formulações de Stuart Hall, que entende a identidade diaspórica como processo e não essência. Joana não é representada como tipo fixo, mas como sujeito em constante elaboração, atravessado por memórias traumáticas, afetos e imposições coloniais. Assim, o conto firminiano pode ser compreendido como precursor de uma sensibilidade afro-diaspórica que antecipa debates centrais da literatura negra das Américas, sobretudo na literatura afro-brasileira, ocupando posição singular na história literária do Brasil.

Palavras-chave: movimento afro-diaspórico; maria firmina dos reis; subjetividade negra; atlântico negro; poética da relação.